

## A Síndrome de Estocolmo

"A partir da perspectiva psicológica, essa síndrome é considerada uma das muitas respostas emocionais que podem ter o refém a raiz da vulnerabilidade e de extremo desamparo que ocorre no cativo, e embora seja uma resposta pouco usual, é importante para compreendê-la e saber quando se apresenta e quando não"

Em 1973, na cidade de Estocolmo, Suécia, teve lugar um assalto a um banco em que os infratores foram descobertos pela polícia e detiveram funcionários e os clientes que haviam sido surpreendidos no seu interior como reféns por vários dias. Durante este período de negociações, os reféns se identificaram com os sequestradores até o ponto em que colaboraram com eles protegendo-os das ações da polícia. Além disso, no momento da libertação, um jornalista fotografou o momento em que um dos reféns e um dos captores, antes dele ser preso, se beijaram e se comprometiam em matrimônio. Este fato foi usado para batizar como "Síndrome de Estocolmo" certos comportamentos incomuns que demonstram afeto entre os captores e os seus reféns.

Talvez tão marcante quanto foi o caso de Patricia Hearst, filha do magnata da mídia norte-americana Randolph Hearst, raptada no início de 1974 pelo Exército de Libertação Simbionês. A jovem acabou namorando um dos sequestradores e se uniu ao grupo de revolucionários, participando de assaltos à mão armada, até que foi capturada e condenada, mas o Presidente Jimmy Carter perdoou-a posteriormente.

Do ponto de vista psicológico, reações deste tipo são consideradas uma das muitas respostas emocionais que podem apresentar o sequestrado na raiz de desamparo e de extrema vulnerabilidade que produz o cativo, e embora seja uma resposta pouco usual, é importante compreender e saber quando se apresenta e quando não, porque o fenômeno tem sido tão distorcido que chegou a pensar nisso como uma "doença" sofrida por todas as pessoas que experimentam uma situação de cativo. Além disso, muitas vezes torna-se uma das principais preocupações manifestadas pelos familiares dos reféns depois da sua libertação. O ex-refém e seus familiares têm medo de perguntar se alguns dos sentimentos de gratidão e apreço para com os seus captores faz parte dos sintomas da síndrome, e como se

pensava muitas vezes, erradamente, que a pessoa está sofrendo, considerando-a "doente".

De fato, segundo especialistas em psiquiatria, a chamada "Síndrome de Estocolmo" só ocorre quando uma pessoa inconscientemente se identifica com o agressor, quer seja assumindo a responsabilidade da agressão a que se submeteu, quer seja imitando física e moralmente a pessoa do agressor, imitando certos símbolos de poder que caracterizam-lo". Quando alguém está retido contra sua vontade e permanecer por um tempo em condições de isolamento e só se encontra na companhia de seus captores pode desenvolver, para sobreviver, um fluxo de carinho para com eles. Este curso pode se estabelecer, bem como um nexos consciente e voluntário por parte da vítima para obter certo domínio da situação ou alguns benefícios de seus captores, ou como um mecanismo inconsciente que ajuda a pessoa a negar e não se sentir ameaçados na situação ou a agressão dos sequestradores. Neste último caso, estamos a falar de Síndrome de Estocolmo.

O que é observado na maioria dos casos é uma espécie de gratidão consciente para com os sequestradores, tanto na família como nos indivíduos. Eles apreciam o fato de terem sido deixados sair vivos, sanos e salvos e às vezes recordam - especialmente nas primeiras semanas após o regresso - a quem foram considerados durante o transe ou tinham sinais de compaixão e ajuda. É compreensível que sob essas circunstâncias que qualquer ato amável dos captores pode ser recebidos com um componente de agradecimento e alívio.

O sequestrado vive uma situação traumática de impotência, incapaz de responder à agressão de que é objeto, pois o comportamento natural é, que se responda ao ataque do atacante. Se não for possível, se você for incapaz de responder com a agressão mínima necessária para manter o equilíbrio, e se você tem que reprimir ou suprimir a agressão, ele se acumula e é dirigido contra si próprio.

A Síndrome de Estocolmo seria então uma espécie de mecanismo de defesa inconsciente do refém, que não pode responder à agressão e que os sequestradores e que se defende também da possibilidade de sofrer um choque emocional. Assim, procede uma identificação com o agressor, um vínculo no sentido de que o refém começa a ter sentimentos de identificação, de simpatia, de apreço pelo seu raptor.

O psicólogo Emílio Meluk introduziu no final dos anos noventa os resultados de uma investigação sobre os efeitos psicológicos do sequestro em suas vítimas,

intitulado "O Sequestro, uma morte suspensa", que incidiu sobre as experiências de oitenta ex-reféns depois da sua libertação e um número similar de famílias.

Suas conclusões revelaram que a expectativa de saber se sofrem de Síndrome de Estocolmo é uma das preocupações expressas pelo ex-reféns depois da sua libertação. Eles perguntam, mais de uma vez, se alguns de seus comportamentos durante o cativeiro e após terem sido libertados, correspondem a esta seqüela do sequestro. Expressam com evidentes sinais de medo e remorso, como se por terem apresentado foram fracos ou desonestos.

Deve ser clarificado de vez que a Síndrome de Estocolmo é simplesmente algo que a vítima de um sequestro percebe, sente e crê que é razoável que seja dessa maneira, dando maior importância para identificá-la e senti-la como tal. Apenas aqueles que veem de fora podem encontrar irracional no que a vítima defende ou adote atitudes para desculpar os sequestradores e justificar as razões que tinham para sequestrar-lo.

Para ser capaz de desenvolver a Síndrome de Estocolmo os estudiosos do tema asseguram que é necessário que o refém não se sinta agradecido, violado ou abusado. Caso contrário, o tratamento negativo se transforma numa barreira defensiva contra a possibilidade de se identificar com seus captores e aceitar que existe algo bom e positivo em si e os seus propósitos. Se o ex-refém qualificar as condições do sequestro e o trato recebido como desprezível, inibe o desenvolvimento da Síndrome.

Em um sequestro, a tentativa de manipulação são frequentes, em quase todos os casos os reféns fingem para ser capaz de sobreviver. Isto é mais visto claramente, comparando a atitude que tem com os seus captores durante o cativeiro e a forma como se referem a eles uma que estão livres. Enquanto estavam presos foram capazes de ter atitudes favoráveis, mas, uma vez fora do risco de morrer, eles referem-se a eles de um modo negativo e com malícia, o que indica que a declaração em cativeiro não é uma identificação com o agressor, mas a vontade de sobreviver.

A esperança de viver não se expressa somente nos comportamentos e atitudes condescendente. Alguns recorrem à simulação de doença ou a dramatização de alguns já existentes, a fim de manipular o seu captor para alcançar um tratamento mais ponderado ou simplesmente sentir que tem algum controle sobre a situação e sobre eles. Fingindo um ataque cardíaco, uma crise epiléptica ou

exagerar deformação física é comum. Por último, quando o sequestrado atinge o objetivo de colocar algum sentimento a seu favor nos raptos e obtém uma resposta que os beneficie dessa maneira, evoca a possibilidade de morrer durante o cativeiro ou aproxima a probabilidade de obter a libertação.

Voltando ao trabalho Meluk também observa que se pode destacar, nas histórias de alguns ex-reféns, uma espécie de gratidão para com os sequestradores, como se quisesse agradecer ter colocado em uma situação que lhes permitia reestruturar a sua personalidade e seu sistema de valores, mas nenhuma das vítimas de sequestro analisadas aqui se responsabilizam por si próprio, nem justificam os propósitos da Organização que lhe sequestrou, nem defendem-nos publicamente. A falha na apresentação da Síndrome de Estocolmo indica que o ex-refém tem conhecimento do dano e agressão que são objetos em cativeiro, que visam nos sequestradores e não em si próprios e que rejeitam em assumir como próprias as razões que levaram ao seu sequestro.

Em suma, para detectar e diagnosticar a Síndrome de Estocolmo, duas condições são necessárias, em primeiro lugar, que essa pessoa tenha assumido inconscientemente uma notável identificação nas atitudes, comportamentos ou modos de pensar dos captos, quase como se fosse seu próprio, e por outro lado, que as manifestações iniciais de gratidão e apreço se prolongue ao longo do tempo, mesmo quando a pessoa já está integrado nas suas rotinas habituais e tenha interiorizado o final do cativeiro.

ABEIJON, Pili. **Síndrome de Estocolmo Secuestrador y rehen Salud mental Cautiverio**. Trad. Onivan Elias de Oliveira. Disponível em: <[http://www.salutmental.com/motor/processa\\_mira\\_articlesp.php?Document=sndr\\_e\\_stocolm](http://www.salutmental.com/motor/processa_mira_articlesp.php?Document=sndr_e_stocolm)>. Acesso em: 07 abr. 2009.